

Saúde Mental Materna e suas Representações no Instagram da Campanha Maio Furta-cor*Salud Mental Materna y sus Representaciones en Instagram de la Campaña Maio Furta-cor**Maternal Mental Health and its Representations on Instagram of the May Iridescent Campaign*

Letícia Marlene dos Santos Figueiredo

Adelma Pimentel

Resumo: Campanhas de conscientização sobre diversos temas têm sido lançadas, principalmente ligadas à saúde, dentre elas, temos a Campanha Maio Furta-cor, uma causa que se dedica à sensibilização da temática saúde mental materna. Nesta investigação, o objetivo foi analisar como o conceito de saúde mental materna foi apresentado a partir de publicações do *Instagram* da Campanha. Percebeu-se que a saúde mental materna foi abordada enquanto um lugar que é atravessado por diversas construções sociais e representada por postagens que buscaram trazer visibilidade para a causa da saúde mental materna problematizando falas que são naturalizadas na vivência da maternidade. Além disso, a campanha mostrou-se como um meio que pode alcançar âmbitos políticos e jurídicos, bem como apresentou seu potencial como forma de linguagem de cuidado praticada por mulheres.

Palavras Chave: Saúde Mental Materna. Maio Furta-Cor. Linguagem de cuidado.

Resumen: Se han puesto en marcha campañas de sensibilización sobre diversos temas, principalmente relacionados con la salud, entre ellas, tenemos la Campaña Furta-cor de Mayo, una causa dedicada a concienciar sobre el tema de la salud mental materna. En esta investigación, el objetivo fue analizar cómo se presentó el concepto de salud mental materna a partir de las publicaciones de Instagram de la Campaña. Se notó que la salud mental materna fue abordada como un lugar que está atravesado por varias construcciones sociales y representado por puestos que buscaban dar visibilidad a la causa de la salud mental materna problematizando los discursos que se naturalizan en la experiencia de la maternidad. Además, la campaña demostró ser un medio que puede llegar a las esferas políticas y legales, así como presentó su potencial como una forma de lenguaje de cuidado practicado por las mujeres.

Palabras Claves: Salud Mental Materna. Mayo Furta-Color. Idioma de Atención.

Abstract: Awareness campaigns on various topics have been launched, mainly related to health, among them, we have the May Furta-cor Campaign, a cause dedicated to raising awareness of the maternal mental health theme. In this investigation, the objective was to analyze how the concept of maternal mental health was presented from Instagram posts of the Campaign. It was noticed that maternal mental health was addressed as a place that is crossed by several social constructions and represented by posts that sought to bring visibility to the cause of maternal mental health problematizing speeches that are naturalized in the experience of motherhood. In addition, the campaign proved to be a means that can reach political and legal spheres, as well as presented its potential as a form of care language practiced by women.

Keywords: Maternal Mental Health. May Furta-Color. Language of care.

Letícia Marlene dos Santos Figueiredo – Mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPa). E-mail: leticiamfigueiredo.psi@gmail.com

Adelma Pimentel – PHD em Psicopatologia e Psicologia do Desenvolvimento pela UEVORA-PT. Docente Titular na Faculdade de Psicologia na Universidade Federal do Pará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976>. E-mail: adelmapi@ufpa.br

INTRODUÇÃO

As campanhas de conscientização em saúde são reconhecidas por eleger determinado mês do ano sendo dedicado a uma dada causa ou tema, com o objetivo construir diálogos sobre prevenção e promoção de saúde. Neste intuito, são compartilhados conteúdos sobre os temas escolhidos de forma acessível e com linguagem clara no sentido de facilitar o acesso das pessoas às informações, constituindo-se como uma ferramenta de utilidade pública em saúde, e, dessa forma, “é de suma importância ressaltar que as campanhas de conscientização e saúde representam um avanço na forma de cuidar das pessoas” (BORGES et al., 2020, p. 2). Os marcos temporais são denominados “meses de conscientização” e as cores escolhidas marcam uma forma de representatividade e uma simbolização para a causa.

Muitas ações de divulgação sobre estas campanhas são realizadas na internet. Considerando este cenário, destaca-se que as chamadas redes sociais *online* (RSO) têm facilitado o acesso à informações. Rodrigues, Garcia e Bernuci (2021) apresentam que as ferramentas de interação como, por exemplo, as redes *Instagram, Twitter, YouTube, Facebook*, “além de permitirem o compartilhamento de informações, garantem aos usuários ambientes favoráveis para criação de seus próprios conteúdos, sendo, portanto, muito utilizadas para debater temas relacionados à saúde” (p. 941), destacando que estas redes apresentam diversas páginas que incentivam o autocuidado para muitas mulheres brasileiras.

Dentro desta perspectiva, neste estudo, destacamos a campanha “Maio furta-cor”, uma causa que se dedica à sensibilização da temática sobre saúde mental materna. A campanha foi idealizada por Nicole Cristino, psicóloga clínica e perinatal, e Patrícia Piper, Médica psiquiatra e psicoterapeuta com atuação na perinatalidade, sendo “uma campanha democrática, apartidária e sem fins lucrativos, que visa sensibilizar a população para a causa da saúde mental materna” (MAIO FURTA-COR, 2021, sem paginação).

A campanha elegeu o mês de maio como o mês de conscientização, justificando que, no Brasil, neste mês, se celebra o dia das mães e não optou por ser representado por uma única cor, mas traz o conceito “furta-cor” como uma tonalidade que se altera a depender da luz que recebe, representando que, na maternidade, não é diferente, há várias nuances, abrigando experiências diversas e singulares.

A campanha nasce em 2021, ano pós início da pandemia da Covid-19 no Brasil, pensando nas possíveis repercussões que este período acarretou nas pessoas que vivenciam a maternidade e destacando problemas sociais e estruturais que se tornaram mais perceptíveis neste contexto. Dentre esses apontamentos, podemos citar que, “dentre as inúmeras consequências da pandemia para a vida das mulheres, destacam-se a alta incidência de desemprego, a precarização das condições de sobrevivência e a insegurança alimentar de muitas famílias, levando a um empobrecimento ainda maior de mulheres pobres” (ZANELLO, 2022, p. 4); além disso, mostrou-se a sobrecarga de tarefas que recaem principalmente à figura da mulher, sofrimento físico e psicológico, majoritariamente entre mulheres que possuem filhos em idade escolar, além de sintomas de ansiedade, esgotamento, estresse e indagações acerca da maternagem.

Zanello (2022) desvelou em sua investigação que o período pandêmico escancarou as desigualdades de gênero e discorre que as mulheres se percebiam em estado de sobrecarga e intenso cansaço, “sozinhas na encruzilhada entre trabalho profissional e trabalho de cuidados múltiplos; cuidando muito e sendo pouco cuidadas; muito disponíveis para outros e pouco disponíveis para si; e relataram culpa e sentimento de inadequação no cuidado e relação com os filhos” (p. 1). E já em

2021, pensando este cenário, a campanha é lançada, considerando os fatores que podem impactar a saúde mental materna como o aumento dos índices de violência contra a mulher em todas as suas facetas, feminicídio, dentre outros, acima citados.

O maio furta-cor possui alcance nacional e internacional e, através de seu site, no ano de 2022, disponibilizou alguns materiais como as diretrizes para participação e divulgação da campanha Maio Furta-cor, lista de representantes da campanha, suas ações em 2022, um manifesto, cartilha, cartazes, folders, artes a serem estampadas em camisetas e logotipos para serem usados nas mídias sociais. Com isso, conseguiu construir uma rede de pessoas que estão alocadas em diversos lugares do Brasil e outros países “para promover palestras, rodas de conversa, entrevistas, *lives*, marchas, caminhadas, mamaços, rodas de dança mãe-bebê e ações gratuitas ao longo de todo o mês de maio, visando alcançar pessoas nos mais variados espaços”. A partir disso, pretende destacar discussões acerca da maternidade e todos os aspectos nela abrigados, considerando que “há um forte estigma social em torno de temas ligados à saúde mental e quando ele se estende ao campo materno esse estigma é ainda mais reforçado” (MAIO FURTA-COR, 2021, sem paginação).

O modo de maternidade que conhecemos hoje é fruto de uma construção social que veio a emergir historicamente desde o começo do século XIX, imbricada na ascensão do capitalismo. Com a valorização da separação entre os âmbitos públicos e privados e a massificação da hierarquia do homem em relação à mulher, engendrou-se o imaginário de que as mulheres estão ligadas às funções do cuidado e de procriação (ZANELLO et al., 2022). E com o espaço conquistado pelas mulheres no mercado de trabalho, contudo, isto ainda persiste, tendo um número maior de mulheres em profissões como enfermagem, psicologia e pedagogia, por exemplo.

De modo amplo, pode-se dizer que a maternidade é um fenômeno que, dentre as possibilidades, pode perpassar pelo gestar. A gestação, por sua vez, é uma fase em que se apresentam diversas transformações, majoritariamente, para a vida da pessoa que está grávida, as quais podem ser de ordem social, física, psicológica, familiar (FIGUEIREDO et al., 2022), dentre outras esferas que podem ser afetadas por tal acontecimento.

Estas modificações são experienciadas de diferentes formas por cada ser e abarcam inúmeras possibilidades de estudo partindo de diversos vieses, a depender do foco de quem se propõe a pesquisar. Nesta investigação, o objetivo foi analisar como o conceito de saúde mental materna foi apresentado a partir de publicações do *Instagram* da Campanha Maio Furta-cor. Adiante, elenca-se o tópico “As nuances da saúde mental materna”, o qual discute como esta temática tem sido apresentada na literatura; em seguida, se expõe a trajetória metodológica; e, ademais, são apresentados os resultados desta investigação e suas considerações finais.

1. As Nuances da Saúde Mental Materna

Diversas pesquisas têm sido realizadas acerca da temática saúde mental materna: esta pode ser sinalizada como saúde mental da/de gestante (CUNHA et al., 2016; ALVARENGA et al., 2012; FALCONE et al., 2005), saúde mental da mãe (SILVEIRA et al., 2018), saúde mental materna (NARDI et al., 2015; ALVARENGA et al., 2018), saúde mental da grávida (NELAS et al., 2021), nomenclaturas diversas, mas que presumem um mesmo fenômeno.

A saúde mental materna vem sendo pesquisada em diversas nuances como relacionado aos impactos de malformações congênicas e hospitalização (CUNHA et al., 2016; NARDI et al., 2015),

na relação entre apego materno-fetal e saúde mental da/e gestante (ALVARENGA et al., 2012), na atuação multiprofissional e suas repercussões (FALCONE et al., 2005), na morbidade materna grave (SILVEIRA et al., 2018), nas influências que os conhecimentos possuem no período da gravidez associados à saúde mental da grávida (NELAS et al., 2021), na interface entre variáveis sociodemográficas e saúde mental materna em contexto de vulnerabilidade social (ALVARENGA, et al., 2018), a importância do apoio social e de constituir uma rede de apoio (SILVA; CARRIJO; TOMAZ, 2019; ARRAIS, ARAÚJO; SCHIAVO, 2018), dentre outras possibilidades.

Estes estudos, em sua maioria, apontam que a gravidez se configura como um período de intensas transformações, principalmente, psíquicas e biofisiológicas, alertando que este é um momento que requer um olhar especial sobre quem o vivencia, pois se desvelam sentimentos ambivalentes, expectativas e idealizações, podendo ocorrer estresse, ansiedade, inclusive complicações tanto para a pessoa grávida quando ao bebê ao longo da gestação (CUNHA et al., 2016; FALCONE et al., 2005), e destacam que o período gravídico puerperal é a etapa de maior recorrência de transtornos psicológicos para a mulher.

Estes transtornos podem se apresentar a depender de como a mulher vivencia este período, considerando que os conflitos durante a gestação iniciam de acordo com o tempo que a mulher ultrapassa os meses gestacionais; a cada mês se apresenta uma nova demanda e, com isso, novas dúvidas são geradas (ALEIXO, GONÇALVES, 2017). Dentre as questões mais frequentes, estão as condições socioeconômicas, dores na hora do parto, dúvidas sobre a capacidade de conseguir desenvolver o papel de cuidadora, sobre como será a relação do casal durante o período gestacional e após o parto, problemas que envolvem autoestima, a existência de fatores de risco, dentre outras (ALMEIDA; ARRAIS, 2016). Neste sentido, é imprescindível que esta mulher tenha um espaço para ser escutada e acolhida.

Percebe-se que três transtornos psicológicos são apontados com maior destaque na literatura: sendo o *baby blues*, a depressão pós-parto (DPP) e a psicose puerperal; contudo, nota-se que a depressão pós-parto é um dos pontos mais tocados quando se comenta sobre saúde mental materna ao longo dos estudos (ARRAIS; ARAÚJO; SCHIAVO, 2019). Ademais, apresentamos, à nível de informação, como estes transtornos podem ser percebidos.

Aleixo e Gonsalves (2017) discorrem que o *baby blues* se configura como a vivência mais comum depois da DPP, envolve sintomas como mudança repentina de humor, podendo haver também sentimentos como tristeza, angústia, sendo considerando um quadro leve.

A Depressão pós-parto (DPP), geralmente, ocorre nas quatro semanas iniciais após o parto e a variação de humor em decorrência do parto é um dos sintomas mais comuns, além de outros sintomas que também são muito presentes como: sentimento de inutilidade, tristeza profunda, autoestima baixa, irritação e fadiga (SILVEIRA et al., 2018).

A psicose puerperal, por sua vez, é considerada como o mais grave da maternidade, este acomete um número de mulheres menor em relação à DPP e ao *baby blues*. Os sintomas mostram-se presentes mais especificamente nas duas primeiras semanas após o parto e os mais frequentes são: delírios, alucinações e estado de confusão mental, o que pode trazer riscos tanto para a mãe quanto para o bebê (ALEIXO, GONÇALVES, 2017). A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que 10% das mulheres grávidas e 13% das puerperas manifestam um transtorno mental, o que atinge de 10% a 20% dessas mulheres, sendo que 50% dos episódios desencadearam-se no início da gravidez.

Considerando este cenário, se torna, então, oportuno fomentar e discutir acerca da temática da saúde mental materna, contudo, vale ressaltar que, nos estudos percorridos, não se percebe uma conceituação em si, sendo a saúde mental materna apenas relacionada às questões que envolvem a

temática; diante disso, notou-se uma ausência de definição do conceito. O que se expõe é uma relação do conceito de saúde mental adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em interface com a saúde da mulher e a saúde materna, considerando o período gravídico puerperal.

A saúde mental tem conceitos diversos e complexos, a Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, descreve a saúde mental como “um estado de bem-estar em que o indivíduo é consciente de suas próprias capacidades, pode lidar com o estresse normal da vida, trabalhar de maneira produtiva, e contribuir para sua comunidade” (WHO, 2017). Gaino et al. (2018) apontam que “o termo ‘bem-estar’, presente na definição da OMS, é um componente tanto do conceito de saúde, quanto de saúde mental, é entendido como um constructo de natureza subjetiva, fortemente influenciado pela cultura” (p. 110). Neste sentido, percebe-se a saúde mental ligada a um amplo contexto, considerando aspectos fundamentais para o desenvolvimento tanto pessoal quanto comunitário.

A saúde da mulher, por sua vez, durante muito tempo esteve ligada somente à saúde materna, destacando sua função reprodutiva e maternal, contexto no qual muitas mulheres não tiveram seu direito à saúde preservado (BRASIL, 2011). Contudo, este paradigma foi sendo desconstruído e passou a englobar a saúde da mulher em um contexto mais integral, considerando questões mais amplas de gênero, raça e classe como importantes para agregar a diversidade existente, apesar de ainda haver entraves na oferta e assistência prestada.

É neste cenário que a saúde mental materna está presente, ainda sem uma conceituação própria, mas relacionada a aspectos que perpassam desde questões biofisiológicas, indo de encontro ao âmbito psicológico e até mesmo interpessoal e comunitário, fortalecendo o ser enquanto integral e considerando os aspectos biopsicossociais, espirituais, políticos, históricos, os quais contribuem de forma direta e indireta para a saúde mental materna. Destarte, é imprescindível olhar para essa temática no sentido de fortalecer o cuidado e preservar aspectos saudáveis a partir da prevenção, promoção e proteção de saúde e estabelecer ações quando a tarefa for a recuperação dela.

Neste ponto, se faz a conexão das campanhas de Conscientização enquanto agentes catalizadores de prevenção, promoção e proteção de saúde, visto que através da educação em saúde podem gerar influência sobre as formas de cuidado e conscientização acerca de temas pouco explorados, mas que requerem um olhar especial, como no caso da saúde mental materna, que, por sua construção social romantizada, esconde uma face que é o sofrimento psicológico de mulheres que vivenciam a maternidade.

2. Trajetória Metodológica

Esta investigação consiste em um estudo teórico, baseado em conteúdos multimidiáticos coletados a partir de postagens realizadas no *Instagram* da campanha Maio Furta-cor, efetuado em três etapas, baseados em Pimentel e Silva (2020): (1) estudo sobre saúde mental materna, (2) levantamento das postagens divulgadas pela Campanha Maio Furta-Cor e (3) reflexão sobre as temáticas abordadas nos materiais na perspectiva da saúde mental materna. Os dados levantados foram coletados em setembro de 2022.

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da saúde mental materna, no sentido de fundamentar um referencial teórico que subsidie as discussões apresentadas. Então, a partir desta pesquisa, se discute acerca da temática, descrita no tópico “As nuances da saúde mental materna”.

No segundo momento, ocorreu levantamento das postagens divulgadas pela Campanha Maio Furta-Cor, buscando elucidar como a temática da saúde mental materna está relacionada

em suas publicações, descrevendo e analisando estas publicações. As imagens selecionadas foram retiradas no *feed* do *Instagram*.

Por fim, o terceiro momento consistiu em refletir sobre as temáticas abordadas nos materiais na perspectiva da saúde mental materna, realizando interface com materiais técnico-científicos produzidos acerca do tema. Neste sentido, a partir da etapa reflexiva, elencou-se um tópico, destacado como “Maio furta-cor e a representação de saúde mental materna”.

3. Maio Furta-Cor e a Representação da Saúde Mental Materna

A primeira postagem na página do *Instagram* da campanha é datada em 12 de abril de 2021, considerando dar início à visibilidade da causa, com o mês de conscientização se aproximando. Como destacado na Figura 1, o título da imagem aponta “Saúde mental Materna Importa. Se importe com a mãe. Assuma essa causa” e, em sua descrição, parte da seguinte pergunta disparadora: “Por que precisamos de um mês dedicado à saúde mental das mães?” e, em seguida, explicita que há uma crescente nos casos de transtornos psicológicos e número de suicídios entre mulheres que são mães, enfatizando que a atenção voltada para este público, considerando as demandas da maternidade, não tem sido suficientes para prevenir que estes casos ocorram.

O título chama atenção pelo termo “importa” atrelado à saúde mental materna, vocábulo utilizado também no movimento “*Black Lives Matter*” ou “Vidas negras importam”, organizado em decorrência do assassinato do jovem negro *Trayvon Martin*, em 2012, nos Estados Unidos. Este fato desencadeou diversos protestos e debates acerca das temáticas relacionadas às questões raciais e que reacendeu depois do assassinato de *George Floyd*, em 2020, tornando-se um potente movimento para a discussão étnico-racial, causa invisibilizada e pouco discutida, tendo visibilidade somente quando casos extremos são noticiados na grande mídia (RODRIGUES, 2021).

Figura 1 – Postagem “Saúde Mental Materna Importa”



Fonte: Instagram @maiofurtacor (2021).

Fazendo este paralelo, a temática da maternidade contém questões que também são ocultadas no âmbito social, o qual dita que quando a mulher se torna mãe se encontra em estado de completa plenitude e felicidade, como retratado no mito do amor materno, deixando de lado aspectos que trazem intenso sofrimento psíquico e podem incorrer em adoecimento para esta mulher.

Isto coaduna com os achados de Azevedo e Arrais (2006), ao desvelar que “as crenças sobre a maternidade são divulgadas como se fossem tradicionais e naturais, e por serem concebidas assim, essas crenças se tornam inatacáveis” (p. 269), contudo problematizam esta construção social, questionando esta posição imposta sobre a mulher na maternidade compulsória, explicitando que o contato com a vivência da maternidade entra em choque com esta idealização, imputando sentimentos ambivalentes e culpabilização da mulher. A representação trazida pela campanha, neste sentido, busca dar voz e abrir espaço para que mulheres que perpassam por uma experiência diferente, envolta por sofrimento, também possam ser vistas, escutadas e validadas.

Outra temática apresentada pela campanha destaca falas utilizadas popularmente e propõe outras visões sobre elas, como na Figura 2. A postagem retrata a expressão “Cadê a mãe dessa criança?” e, em sua descrição, destaca a responsabilização da figura materna como lugar central de cuidado e educação dispensada aos filhos, destacando que este é um lugar que cabe a todos os que estão envolvidos no processo de parentalidade e não somente à mãe. Tal discurso se entrelaça com marcas trazidas pela cultura patriarcal, na qual “à mãe, cabia a educação dos filhos, a administração da rotina doméstica” (ALMIEDA, 2007, p. 412), pensamento consolidado e transformado em frases como esta.

Figura 2 – Postagem “Cadê a mãe dessa criança?”



Fonte: Instagram @maiofurtacor (2021).

Isto se mostra reforçado na pesquisa de Lima et al. (2013), que buscou compreender como se configurava o cuidar na visão do cuidador principal de crianças, desvelando que este cuidado foi “centralizado na figura materna. A concepção secular de que o cuidado é responsabilidade da mulher, faz com que a mãe assuma toda a responsabilidade do cuidado com a criança, impondo inúmeras mudanças à vida dessa mulher” (p. 668).

Este olhar é apresentado por Zanello (2022) como fruto do sistema capitalista que explora a maternidade e “trata-se de um amor que é construído, mas esconde um trabalho não remunerado” (p. 3), perpassando também pela ideia de feminização do cuidado que entrelaça um processo histórico que liga as profissões de cuidado à figura da mulher e também por questões ligadas à escravização, sobretudo de mulheres pretas, relacionadas às funções de babá, empregada e faxineira, por exemplo. Neste sentido, a postagem se apresenta no sentido de desconstrução de paradigmas que se estabeleceram e foram naturalizados de forma ampla.

Outra postagem destacada faz referência ao questionamento de muitas pessoas que vivem a maternidade, como ilustrado na Figura 3, a partir da pergunta “Meu bebê nasceu, está tudo bem, mas eu me sinto triste. Tem algo de errado comigo?”. Nesta dúvida, pode-se notar a presença de sentimentos ambivalentes. Como descrito por Sehn e Lopes (2019), a experiência da maternidade pode ser perpassada por sentimentos que podem ser positivos ou negativos, contudo, pelas questões históricas já apontadas nesta investigação, se dá muito mais destaque às vivências de felicidade, o que pode contribuir para que tais questionamentos se apresentem, levando à presença de contradições na função de maternagem.

Figura 3 – Postagem “Meu bebê nasceu, está tudo bem, mas eu me sinto triste. Tem algo de errado comigo?”



Fonte: Instagram @maiofurtacor (2022).

Isto pode ser representado por sinais de tristeza, mesmo que não tenha existido complicações e a vivência esteja sendo como o esperado pela mulher, ou culpa, por desejar retorna ao trabalho, mas pensar que estará longe por algum tempo de sua criança, levando a mãe a um lugar de não reconhecimento frente àquilo que é mostrado e conseqüentemente idealizado no momento, sendo os sentimentos oposto àqueles socialmente aceitos vistos como de “uma mãe pouco dedicada que não têm condições suficientes para exercer um cuidado satisfatório” (SEHN; LOPES, 2019, p. 3).

Ademais, destaca-se na Figura 4, conferindo a relevância que a Campanha Maior Furta-Cor tem conquistado, o qual, para além de um alcance social, tem atingido esferas políticas necessárias

à garantia de direitos, fomentando que a saúde mental materna tenha seu espaço nos calendários de diversos municípios que aderiram à causa, fato que pode ser um respaldo para a criação de políticas públicas voltadas à temática. A postagem descreve cidades que instituíram o Maio como lei e também destaca municípios que já criaram projetos de lei que preveem ações aderindo à campanha.

Figura 4 – Postagem Cidades que Instituíram o Maio Furta-Cor a partir de Projetos de Lei



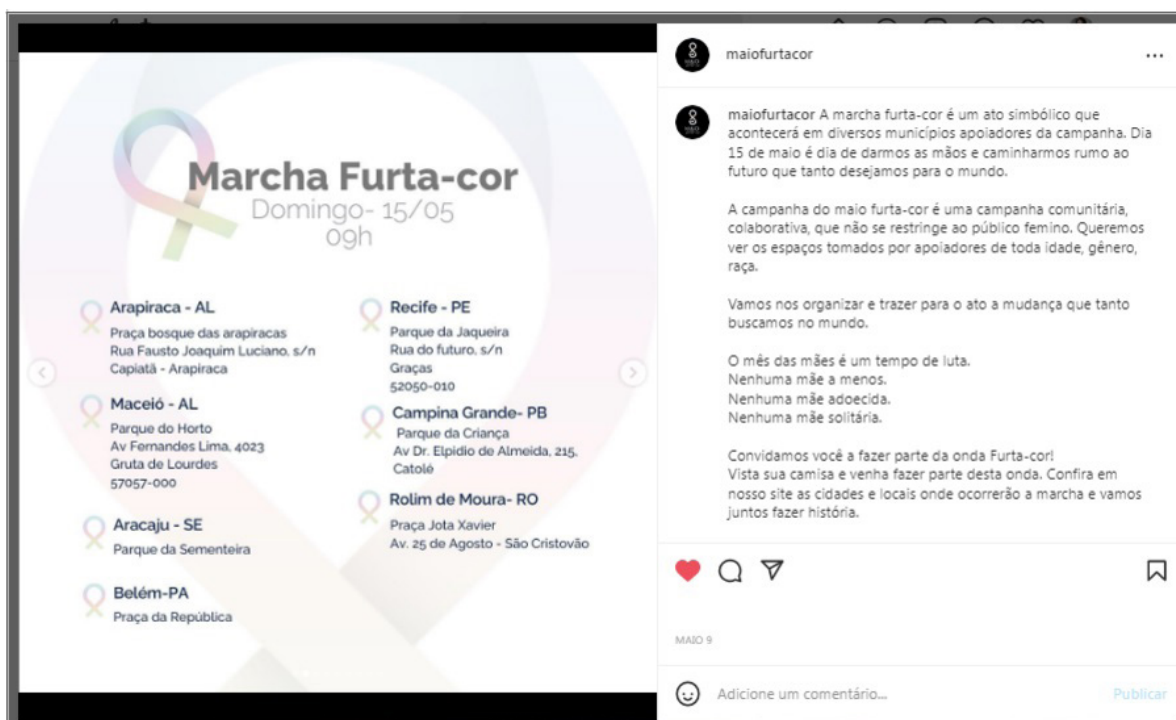
Fonte: Instagram @maiofurtacor (2022).

No tocante às ações que se voltam à saúde da mulher, é necessário destacar a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), a Lei nº 11.108, de abril de 2005, que garante o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, como importantes conquistas que visam oferecer uma assistência mais voltada para as necessidades das gestantes e, com isso, um atendimento mais humanizado (ARRAIS; ARAÚJO, 2016).

Desde o ano de 2020, há uma proposta legislativa que dispõe sobre o atendimento psicológico e/ou psiquiátrico para mulheres grávidas nas unidades de saúde que compõe o Sistema Único de Saúde (SUS). O Projeto de Lei (PL) nº 4432/2020 pretende tornar obrigatória a assistência psicológica e/ou psiquiátrica para gestantes que realizam o acompanhamento gestacional, ofertando o serviço durante a realização do pré-natal e no período após o parto e, além disso, pelo tempo que for necessário, em conformidade com a sua demanda. Contudo, a assistência psicológica não é uma garantia para todas as mulheres que atravessam o ciclo gravídico puerperal até o presente.

Por fim, na Figura 5, destaca-se como a Campanha Maio Furta-cor pode se tornar uma possibilidade de linguagem de cuidado praticada por mulheres, visto que, através dos encontros proporcionados pelas ações da campanha, podem proporcionar um ambiente que possibilita a construção de uma rede de apoio para essas mulheres-mães.

Figura 5 – Postagem Marcha Furta-Cor



Fonte: Instagram @maiofurtacor (2022).

O apoio social pode ser definido como uma parceria que pessoas estabelecem, onde há auxílio nas ordens materiais e emocionais, o que pode favorecer aspectos saudáveis, trazendo para o direcionamento desta investigação, na vivência da maternidade. Silva, Carrijo e Tomaz (2019) discorrem que este benefício pode ocorrer de duas maneiras: da proteção e do efeito direto. A primeira aponta que os efeitos indiretos podem se relacionar contra “o estresse, ajudando o indivíduo a enfrentá-lo de forma eficaz. A segunda, defende que o apoio social produz efeitos benéficos durante momentos estressantes e não estressantes, aumentando as respostas físicas do corpo a situações difíceis” (p. 5), o que conversa com os apontamentos de Arrais, Araújo e Schiavo (2018), ao indicar a presença da constituição de uma rede de apoio como fator de proteção contra a DPP e a presença desta, de forma empobrecida, como um fator de risco para a saúde mental materna.

Neste sentido, as ações realizadas pela Campanha Maio Furta-cor também representam o fortalecimento de vínculos, fomentando um cuidado em rede quanto à saúde mental materna, dialogando espaços para encontro de pessoas que vivenciam a maternidade, dando, além de visibilidade à causa, a possibilidade da construção de conexões que podem se transformar em laços de amizade, podendo se reverter em linguagem de cuidado.

Pimentel (2019) destaca que “cuidar envolve as diversas estratégias preventivas e interventivas em torno de pessoas e instituições, para o enfrentamento das iniquidades físicas e psicológicas as quais estamos expostos” (p. 989). Aqui, destaca-se o cuidado enquanto capacidade comum a todos, e não como percebemos nesta pesquisa, como voltada somente à figura da mulher, sobrecarregando-a em diversos aspectos. Desta forma, pensando o caráter relacional do ser humano, este movimento pode configurar-se uma possibilidade de cuidado integrada, tornando compartilhada a vivência da maternidade que por vezes é perpassada por solidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde mental materna é um conceito com uma definição em si, mas abarca questões que perpassam a mulher enquanto ser integral, a qual leva em consideração aspectos biopsicossociais, os quais se relacionam diretamente com a saúde mental. Neste sentido, nesta investigação, percebeu-se que a saúde mental materna foi abordada enquanto um lugar que é atravessado por diversas construções sociais, que relacionam a mulher a um lugar de cuidadora principal, tendo estigmas instituídos, e, a partir das publicações, buscou-se desconstruir este cenário.


Tal desconstrução foi representada por postagens que buscaram trazer visibilidade para a causa da saúde mental materna, dialogando que a saúde mental materna importa, além de problematizar falas que são naturalizadas na vivência da maternidade, fortalecendo e esclarecendo que tal experiência também passa por sentimentos ambivalentes em contraposição à imagem ideal e romantizada, explicitando que também podem ocorrer sofrimentos, dando destaque à esfera psicológica.

Além disso, a campanha mostrou-se como um meio que pode alcançar âmbitos políticos e jurídicos, fomentando a criação de projetos de leis que dão lugar na garantia de direitos à saúde mental materna, sendo um caminho para a criação de políticas públicas, bem como apresentou seu potencial como possibilidade de linguagem de cuidado praticada por mulheres a partir da adesão de pessoas em todo o território nacional, se expandindo também para outros países, estabelecendo uma rede de apoio, fator que se mostra como protetivo à saúde mental materna.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, B. A.; GONÇALVES, M. Transtornos Psiquiátricos na Gestão de no Puerpério. *Psychiatry on line Brasil*, v. 22, n. 5, 2017.
- ALMEIDA, L. S. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, v. 19, n. 2, p. 411-422, 2007.
- ALMEIDA, N. M. C.; ARRAIS, A. R. O Pré-Natal Psicológico como Programa de Prevenção à Depressão Pós-Parto. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 4, p. 847-863, 2016.
- ALVARENGA, P. et al. Relações entre a saúde mental da gestante e o apego materno-fetal. *Estudos de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 477-484, 2012.
- ALVARENGA, P. et al. Variáveis Sociodemográficas e Saúde Mental Materna em Contexto de Vulnerabilidade Social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 19, n. 3, p. 776-788, 2018.
- ARRAIS, A. R.; ARAUJO, T. C. C. F.; SCHIAVO, R. A. Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 4, p. 711-729, 2018.
- ARRAIS, A. R.; ARAUJO, T. C. C.; SCHIAVO, R. A. Depressão e Ansiedade Gestacionais Relacionadas à Depressão Pós-Parto e o Papel Preventivo do Pré-Natal Psicológico. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 11, n. 2, p. 23-34, mai/ago. 2019.

- AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.
- BORGES, H. P. et al. A importância das campanhas de conscientização na saúde. *Repositório Faculdade Laboro*. Disponível em: <<http://localhost/jspui/handle/123456789/267>>. Acesso em 19 set. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - Princípios e Diretrizes. Série Projetos, Programas e Relatórios*. Brasília, 2011.
- CUNHA, A. C. B. et al. Diagnóstico de malformações congênitas: impactos sobre a saúde mental de gestantes. *Estudos de Psicologia*, v. 33, n. 04, p. 601-611, 2016.
- FALCONE, V. M. et al. Atuação multiprofissional e a saúde mental de gestantes. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 4, p. 612-618, 2005.
- FIGUEIREDO, L. M. S. et al. Pré-natal psicológico como uma possibilidade de cuidado integral à saúde materna: uma revisão integrativa da literatura. *Psicologia e Saúde em debate*, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2022.
- GAINO, L. V. et al. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. Port.), Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 108-116, 2018.
- MAIO FURTA-COR, 2021, sem paginação. Disponível em: <<https://www.maiofurtacor.com.br>>. Acesso em 15 set. 2022.
- MAIO FURTA-COR, 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNlcjMBjde/>>. Acesso em 15 set. 2022.
- MAIO FURTA-COR, 2022. MAIO FURTA-COR, 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNlcjMBjde/>>. Acesso em 15 set. 2022.
- MARTINS, A. C. S.; SILVA, L. S. Perfil epidemiológico de mortalidade materna. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n. 71, supl. 1, p. 725-31, 2018.
- MEDEIROS, D. A.; MOURA, W. L.; NOGUEIRA, A. M. T. Promoção a Saúde Física e Mental das Gestantes e Puérperas da Unidade de Saúde Sorocaba no Município de Olinda Nova do Maranhão. *Acervo de Recursos Educacionais em Saúde (ARES)*, 2021. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/24017>>. Acesso em 16 set. 2022.
- NARDI, C. G. A. et al. Bebês com Sequência de Pierre Robin: saúde mental materna e interação mãe-bebê. *Estudos de Psicologia*, v. 32, n. 1, p. 129-140, 2015.
- NELAS, P. et al. Conhecimentos das grávidas em saúde mental positiva. *Revista INFAD de Psicología, International Journal of Developmental and Educational Psychology.*, v. 2, n. 1, p. 225-232, 2021.
- OLIVEIRA, A. R.; SILVA, B. R. A.; FEITOSA, L. L.C. *O enfermeiro e a identificação dos sinais e sintomas de Depressão pós-parto: revisão integrativa*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Enfermagem) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC, Gama, Distrito Federal, 2021.
- PIMENTEL, A. O Uso Cuidadoso das Redes Sociais Virtuais. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v. 19, n. 4, 2019.



PIMENTEL, A. S. G.; SILVA, M. N. R. M. O. Saúde psíquica em tempos de Corona vírus. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. 1-13, 2020.

RODRIGUES, M. C.; GARCIA, L. F.; BERNUCI, M. P. #outubrorosa e promoção da saúde: análise das postagens no Instagram sobre o câncer de mama. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 938-959, out./dez. 2021.

RODRIGUES, V. Vidas Negras Importam: o que dizemos nós mulheres negras ativistas, intelectuais e artistas. *Tessituras, Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 9, n. 1, 2021.

SILVA, J. B.; CARRIJO, M. M.; TOMAZ, R. R. A importância do apoio social na construção da parentalidade aspectos. *Repositório Institucional AEE, anais do I e do II Seminário de produção científica do curso de Psicologia da Unievangélica*, p. 1-19, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/8117>>. Acesso em 20 set. 2022.

SILVEIRA, M. S. et al. A depressão pós-parto em mulheres que sobreviveram à morbidade materna grave. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 26, n. 4, p. 378-383, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *The world health report. People with mental disabilities cannot be forgotten*. 2017. Disponível em:<<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2017en/>>. Acesso em: 17 set. 2022.

ZANELLO, V. et al. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 30, n. 2, p. 1-12, 2022.

